

A Teoria dos construtos pessoais de George Kelly e a canção *Meu amigo Pedro*, de Raul Seixas: ilustração e exemplificação em leitura comparada

George Kelly's Personal constructs theory and Raul Seixas's song Meu amigo Pedro: illustration and exemplification in comparative reading

Fernando Bruno Antonelli Molina Benites

Alessandra Dutra

Awdry Feisser Miquelin

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

Ponta Grossa – PR/Brasil

Resumo

A *Teoria dos Construtos Pessoais* de George Kelly é tida pela comunidade científica como um significativo avanço no campo dos estudos da personalidade, representando igual contribuição para a educação, notadamente no que tange às teorias de aprendizagem. Aparentemente simples, as formulações – abarcando um postulado principal e onze corolários – revelam-se suficientemente elaboradas, e até mesmo intrincadas. Por esta razão, trazemos à baila a canção *Meu amigo Pedro*, de Raul Seixas, marcada por versos que minuciam diferentes visões de mundo, servindo, por isso, como ilustração e exemplificação para aquilo que o pesquisador elencou. Assim, empreendemos breve apresentação de ambas, teoria e canção, propondo uma leitura comparada que desvela o diálogo e complementaridade entre elas.

Palavras-chave: Visões de mundo; Diálogo; Análise de conteúdo.

Abstract

George Kelly's Personal Constructs Theory is seen by the scientific community as a significant advance in the field of personality studies, representing an equal contribution to education, notably with regard to learning theories. Seemingly simple, the formulations – comprising a main postulate and eleven corollaries – turn out to be rather elaborate, and even intricate. For this reason, we bring up the song *Meu Amigo Pedro*, by Raul Seixas, marked by verses that describe different worldviews, thus serving as illustration and exemplification for what the researcher developed. Thus, we undertake a brief presentation of both theory and song, proposing a comparative reading that reveals the dialogue and complementarity between them.

Keywords: Worldviews; Dialogue; Content Analysis.

1. Introdução

Com doutorado em Psicologia, mestrado em Sociologia Educacional, e graduação em Matemática e Física, George Kelly é, indubitavelmente, nome impresso com letras garrafas no rol dos grandes pensadores da educação – mais especificamente, no domínio das teorias de aprendizagem. Não podemos dizer que este fato nos surpreende, afinal, após ter vivido as típicas dificuldades acarretadas pela vida em uma comunidade rural no princípio do século XX, Kelly se engajou cada vez mais política, social e educacionalmente, angariando experiências em uma série de instituições de ensino e interessando-se pelas atividades das comunidades de trabalhadores. Já portando o título de doutor, ingressou na Marinha Americana e, em solo pátrio, participou da Segunda Guerra Mundial, ministrando treinamento para pilotos. Feito isso, associou-se à Universidade de Maryland, sendo nomeado diretor de seu departamento de psicologia clínica. As duas décadas passadas no exercício dessa função, somadas às vivências anteriores e ao fascínio pelo comportamento humano (MAEHR, 1969), levaram-no à elaboração, em 1963, de sua célebre *Teoria dos Construtos Pessoais* (KELLY, 1991), peça de análise do presente trabalho.

Erigindo-se como uma espécie de símbolo da contracultura ainda incipiente no Brasil, Raul Seixas é, certamente, um dos cantores/compositores mais interessantes de nossa música popular: suas letras têm, invariavelmente, cunho um tanto enigmático, permitindo uma série de leituras e interpretações que, por sua vez, costumam apontar para questões humanas, sociais, religiosas e políticas. Tendo iniciado sua carreira no princípio dos anos 1970 – na esteira, portanto, dos acontecimentos que levaram aos chamados “anos de chumbo” do regime militar brasileiro –, Raul acabou por personificar um imenso anseio por ruptura, embalado pelo *rock’n’roll* e clamando por liberdade e por novas formas de experimentar a música e a existência, dado que, para ele, as temáticas que visitava constituem pano de fundo determinante das ações principais; estas, tipificadas por homens lidando com seus impedimentos (PASSOS, 1993). Nesse âmbito, o artista nos brinda com o “monólogo dialógico” (TATIT, 1997) *Meu Amigo Pedro* (SEIXAS, 1976), segunda faixa de *Há 10 Mil Anos Atrás*, seu quarto disco de estúdio. A letra desta canção é, também, objeto de interesse deste artigo.

Fato é que almejamos, nas linhas que se seguem, discorrer sobre o trabalho de Kelly – formulações que, de acordo com a comunidade científica, representaram avanço significativo

no campo dos estudos da personalidade (MAEHR, 1969) e se enquadram no ativismo construtivo, a saber, distinguem-se por postular que todas as interações humanas com o universo são passíveis de revisão ou substituição (MOREIRA, 1999). Consideramos, para isso, sua aparente simplicidade – “Os processos de uma pessoa são canalizados psicologicamente pelas maneiras como ela antecipa os acontecimentos” (KELLY *apud* CLONINGER, 1999, p. 427) –, e utilizamos a canção de Raul Seixas para exemplificar cada um dos onze corolários que acompanham o postulado citado, ilustrando as proposições do pesquisador e elucidando que a suposta singeleza é tão somente superficial: “[...] cada um de nós é um universo” (SEIXAS, 1976), mas isso não significa que não haja intrincada ciência por trás deste quase senso comum.

Desta forma, trazemos à baila, além de Kelly (1991) e Seixas (1976), Maehr (1969), Roszak (1972), Pereira (1986), Passos (1993), Tatit (1997), Cloninger (1999), Moreira (1999), Carmo (2000), Boscato (2006) e Bíblia (2008), não só com a perspectiva de auxiliar a compreensão da teoria e da letra que perfazem o escopo de nosso manuscrito, mas também de lançar um olhar contemporâneo para alguns dos traços abarcados por ambas. Para isso, o trabalho é desenvolvido nas seguintes seções: “*Teoria dos Construtos Pessoais de Kelly*”, em que abordamos brevemente os principais aspectos das proposições do pesquisador; “*Meu Amigo Pedro de Raul Seixas*”, subtítulo que comporta asserções sucintas acerca da canção e sua respectiva letra; e “*Leitura comparada*”, abarcando os corolários de Kelly e o que vemos como sua presença e aplicação nos versos de Raul, atando as pontas das ponderações alinhavadas e encaminhando-nos para as “*Considerações finais*”, nas quais refletimos sobre o impacto e contribuição do trabalho delineado.

2. A Teoria dos construtos pessoais de Kelly

Primeiramente, um embate: não está nas necessidades mais básicas, a exemplo de abrigo ou alimentação, o motor a impulsionar o progresso e o desenvolvimento humanos (MOREIRA, 1999); estes seres, em verdade, escrevem sua existência de forma subjetiva, pessoal, ativa, criativa, racional e emocional (CLONINGER, 1999). Tendo isso em vista, a premissa inicial de Kelly é compreender o ser humano a partir da longa perspectiva dos séculos, o que, segundo ele, revela que nossa marcha tem ligação intrínseca com os avanços advindos da – e perpetrados pela – ciência.

Em seguida, então, a proposição da metáfora do “homem cientista”, com a qual o pesquisador abarca a ideia de que somos constantemente engajados em um processo de observação, interpretação, predição e controle (KELLY, 1991). Daí que o homem, assim como o fazem os cientistas, cria modelos pessoais que não representam o mundo tal como ele é, mas constituem realidades baseadas, de alguma forma, em verdades absolutas. Em suma, todos nós, na busca por domínio e manejo daquilo que pode nos ocorrer, lançamos mão de nossa capacidade criativa para representar o ambiente que vivemos e os acontecimentos que nos rodeiam – sendo responsáveis por diferentes formulações teóricas da mesma realidade (ibid.). Eis os “construtos” de que fala a teoria em questão.

Por fim, a constatação de que se, por um lado, buscamos enxergar o mundo e tentamos compreendê-lo da melhor maneira possível (CLONINGER, 1999), por outro, o universo jamais deixa de existir e acontecer, sendo integral e mensurável ao longo de uma dimensão temporal (MOREIRA, 1999). Desse modo, por mais que Kelly se interesse pela subjetividade, a saber, pelo que se passa no pensamento das pessoas, sua teoria abrange o mundo real, ou seja, um todo pontuado por eventos e suscetível a constantes mudanças. Nesse âmbito, nossa capacidade de apreensão e raciocínio garante não só a singularidade de cada indivíduo, mas também, e principalmente, o poder de intervenção na realidade – em outras palavras, cabe a cada um de nós a projeção da passividade para a atividade, transformando o que poderia ser um grande rol de inexorabilidades em uma imensa gama de possibilidades.

Colocando tudo isso em perspectiva, temos que, obviamente, é advindo dos construtos o entendimento que os homens têm da realidade; contudo, como estamos em constante mudança, empreendemos também uma saga visando a frequentemente aumentar o repertório de construtos que possuímos (MOREIRA, 1999). Kelly percebe, nesse ponto, que ao passo que nos arrolamos o papel de atores, responsabilizamo-nos por colocar limites à nossa liberdade e felicidade, dado que as convicções acerca de manutenção ou mudança são, em última instância, formuladas por nós mesmos. Assim, antes de enumerar postulado fundamental e corolários da *Teoria dos Construtos Pessoais*, é válido esclarecer que, embora o mundo real ocorra independentemente dos construtos, sem estes, o estabelecimento de objetivos, a representação da realidade futura e a intervenção não seriam possíveis; do mesmo modo, ansiedade e preocupação ligam-se inextricavelmente ao que pensamos da

realidade. Nas palavras do próprio Kelly, “[...] é o futuro que tantaliza o homem, não o passado” (KELLY, 1991, p. 49).

Tendo em vista que o propósito do presente trabalho é o de ilustrar e exemplificar cada um dos corolários por meio da letra da canção trazida na próxima seção, tão somente repetiremos, a seguir, o postulado, seguido por breves descrições das inferências formuladas por Kelly; explicações mais aprofundadas estão em “Leitura comparada”:

Os processos de uma pessoa são canalizados psicologicamente pelas maneiras como ela antecipa os acontecimentos.

1. *Corolário de Construção*: Uma pessoa antecipa eventos ao interpretar suas reproduções;
2. *Corolário de Individualidade*: As pessoas diferem umas das outras na sua interpretação dos eventos;
3. *Corolário de Organização*: Cada pessoa desenvolve caracteristicamente um sistema de interpretação que abrange relacionamentos ordinais entre construtos, para ajudar na antecipação de eventos;
4. *Corolário da Dicotomia*: O sistema de construção de uma pessoa é composto de um número finito de construtos dicotômicos;
5. *Corolário de Escolha*: Uma pessoa escolhe aquela alternativa, em um construto dicotomizado, pela qual ela antecipa a maior possibilidade de extensão e definição de seu sistema;
6. *Corolário da Faixa*: O construto é conveniente apenas para antecipação de um intervalo finito de eventos;
7. *Corolário da Experiência*: O sistema de interpretação de uma pessoa varia conforme ela interpreta sucessivamente as reproduções de eventos;
8. *Corolário de Modulação*: A variação no sistema de interpretação de uma pessoa é limitada pela permeabilidade dos construtos dentro daquele intervalo de conveniência onde estão as variantes;
9. *Corolário de Fragmentação*: Uma pessoa pode empregar sucessivamente uma variante de subsistemas de interpretação inferencialmente incompatíveis entre si;
10. *Corolário de Comunalidade*: Na extensão em que uma pessoa emprega uma interpretação da experiência que é semelhante à empregada por outra pessoa, seus processos psicológicos são semelhantes aos dela;
11. *Corolário de Sociabilidade*: Na extensão em que uma pessoa interpreta os processos de construção da outra, ela pode desempenhar um papel em um processo social envolvendo a outra pessoa (ibid., p. 104-105).

Que fique claro, ao fim dessa seção, que a presença de Kelly e de suas contribuições na esfera das teorias de aprendizagem é devida a estar implícito em seu entendimento que o conhecimento formal é, em verdade, hipotético; logo, passível de reconstrução e avaliação por parte do aprendiz. Erigem-se aqui as bases do alternativismo construtivo, visto não haver brecha para a negação de que cada um constrói o conhecimento a partir das próprias experiências – fato igualmente presente nas linhas e entrelinhas de *Meu Amigo Pedro*, trazida à baila a seguir.

3. Meu amigo Pedro, de Raul Seixas

Muitas vezes, Pedro, você fala
Sempre a se queixar da solidão
Quem te fez com ferro, fez com fogo, Pedro
É pena que você não sabe não

Vai pro seu trabalho todo dia
Sem saber se é bom ou se é ruim
Quando quer chorar vai ao banheiro
Pedro, as coisas não são bem assim

Toda vez que eu sinto o paraíso
Ou me queimo torto no inferno
Eu penso em você, meu pobre amigo
Que só usa sempre o “mermo” terno

Pedro, onde “cê” vai eu também vou
Pedro, onde “cê” vai eu também vou
Mas tudo acaba onde começou

Tente me ensinar das tuas coisas
Que a vida é séria, e a guerra é dura
Mas se não puder, cale essa boca, Pedro
E deixa eu viver minha loucura

Lembro, Pedro, aqueles velhos dias
Quando os dois pensavam sobre o mundo
Hoje eu te chamo de careta, Pedro
E você me chama vagabundo

Pedro, onde “cê” vai eu também vou
Pedro, onde “cê” vai eu também vou
Mas tudo acaba onde começou

Todos os caminhos são iguais
O que leva à glória ou à perdição
Há tantos caminhos, tantas portas
Mas somente um tem coração

E eu não tenho nada a te dizer
Mas não me critique como eu sou
Cada um de nós é um universo, Pedro
Onde você vai eu também vou

Pedro, onde “cê” vai eu também vou
Pedro, onde “cê” vai eu também vou
Mas tudo acaba onde começou
É que tudo acaba onde começou

(SEIXAS, 1976).

A princípio, Roszak (1972) nos lembra de que a contracultura era um movimento de jovens interessados pela psicologia da alienação, misticismo oriental, drogas psicodélicas e experiências comunitárias, cuja concepção era absolutamente oposta aos valores e pressupostos que constituíam os pilares da sociedade de então. Em seguida, Pereira (1986) acrescenta que os anos 60 viram a juventude despontar como foco de contestação radical, dando gênese a um novo estilo de mobilização e disputa social. Ao fim disso tudo, as dicotomias, fortemente arraigadas na esteira dos acontecimentos que permeavam a cena política e social brasileira nos anos 1970: horror ao velho e exaltação do novo, imaginação em detrimento da realidade, oprimido denunciando o opressor, convicções cedendo seu outrora lugar de honra aos experimentalismos, e a pretensa derrocada dos valores e instituições a regular as vidas das pessoas até então.

Nesse cenário, Raul Seixas surge não só como voz altamente questionadora, mas empreendedora e anunciadora de mudanças profundas na forma de ver e construir a realidade. Inspirado por novas experimentações místicas, formas de culto e pregando a plena liberdade individual, fundou e fez parte da “Sociedade Alternativa”, divulgando-a

obstinadamente sob o slogan “Faça o que tu queres, pois é tudo da lei” (CARMO, 2000). Além disso, ele “[...] contribuiu para uma crítica ao conformismo e às visões de mundo fechadas que não admitem explicações outras a não ser as que a sua determinada religião, moral, visão científica ou política apregoam” (BOSCATO, 2006, p. 46).

Assim, *Meu Amigo Pedro* é uma canção que já vem ao mundo com as indelévels marcas da polêmica, discordância e exposição do novo. Algumas das máximas que contém – seriedade versus loucura, “ceticismo” versus vagabundagem, paraíso e inferno versus “mesmo terno” – encerram clara oposição entre diferentes visões de mundo, bem como asserções da sorte de “Pedro, as coisas não são bem assim”, “Tente me ensinar das tuas coisas” e “Cada um de nós é um universo” (SEIXAS, 1976) demonstram ânsia pela compreensão do outro – aumento do repertório de construtos (MOREIRA, 1999). Levando em consideração que Raul Seixas dificilmente falava por si só – a primeira pessoa do singular normalmente constituía escolha metonímica (BOSCATO, 2006) –, assim como não mirava um único alvo com sua interlocução (ibid.), os enunciados “eu” e “Pedro” garantem que há muito a ser explorado na enunciação dos versos, haja vista que o artista não está cantando simplesmente o que ocorre entre duas pessoas, mas uma relação possivelmente universal entre diferentes maneiras de ver o mundo. Dessa forma, podemos enumerar facilmente que as entrelinhas da canção irão nos revelar sentidos muito mais profundos que aqueles abarcados por suas linhas.

Ademais, não há como não destacar a importância que Raul conferia ao pronome “eu” e ao verbo “ser”, atestando a tomada de consciência do todo, abarcando si mesmo e os demais (CARMO, 2000). Nas palavras do próprio autor de *Metamorfose Ambulante, Ouro de Tolo e Gitá*:

A verdade é prenúncio de um momento, o caos é prenúncio de um momento. Quando eu digo que sou a luz das estrelas, não estou falando de mim. O pedreiro lá da frente de casa, que está construindo um edifício, canta essa música como se fosse ele. Isso porque nós somos o verbo ser. Sendo o que você tem a vontade de ser, não existe mais nada. Nós somos, e está acabado. Tudo é, então, o eu é fortíssimo. Você tem de ter primeiro a consciência do eu para poder respeitar a terceiros e então fazer o que quer, que é tudo da lei, da sua lei. (SEIXAS apud PASSOS, 1993, p. 107).

Nesse âmbito, “E eu não tenho nada a te dizer/ Mas não me critique como eu sou” ou “Lembro, Pedro, aqueles velhos dias/ Quando os dois pensavam sobre o mundo” e, sobretudo, o refrão – ressaltando que uma “[...] forma de apreciação empírica da canção é a

identificação dos estribilhos e dos mecanismos de reiteração” (TATIT, 1997, p. 101) – “Pedro, onde “cê” vai eu também vou/ Mas tudo acaba onde começou” (SEIXAS, 1976) desvelam como que uma impregnação de humanidade não só a pontuar a voz, mas a permear toda a subjetividade do emissor: ao passo que é difícil compreender ou concordar com outras formas de ver e viver, é igualmente enigmático o porquê somos impelidos a buscar o entendimento e a convivência, afinal, “Todos os caminhos são iguais” (ibid.).

Por fim, parece claro o ensejo do autor de que caminhemos um passo adiante, deixando para trás as preocupações acerca dos indivíduos – “[...] quem seria o Pedro do título? Para alguns, se trataria do pai do escritor Paulo Coelho, coautor da letra. Outra versão diz que seria o irmão caçula do cantor, Plínio Seixas [...] Há também quem diga que a canção seria de Raul para Paulo Coelho” (SAIBA o significado da música Meu Amigo Pedro, de Raul Seixas. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/blog/musica-meu-amigo-pedro-significado/>>. Acesso 26 Dez. 2020) – e detenhamo-nos no restante do iceberg, pondo-nos como emissores e receptores de cada um dos versos da canção. É esta a possibilidade que nos conduziu à aproximação da canção com a *Teoria dos Construtos Pessoais*, de George Kelly, em leitura que traçamos na próxima seção.

4. Leitura comparada

Uma vez mais, afirmamos a importância de se destacar o papel da canção de Raul Seixas no presente artigo: ilustrar e exemplificar cada um dos onze corolários que acompanham o postulado formulado por George Kelly, buscando elucidar a complexidade da *Teoria dos Construtos Pessoais* e corroborar o imenso impacto por ela representado. Atendendos à ordem daquilo que é apresentado pelo pesquisador, produzimos o quadro a seguir, no anseio de facilitar leitura, compreensão e consulta.

Quadro 1 – Leitura comparada: ilustração e exemplificação

“Os processos de uma pessoa são canalizados psicologicamente pelas maneiras como ela antecipa os acontecimentos” (KELLY, 1991, p. 104).
Quem te fez com ferro, fez com fogo, Pedro É pena que você não sabe não (SEIXAS, 1976).
Utilizando o advérbio “psicologicamente”, Kelly distingue que enumera e entende os fatos a partir de uma abordagem psicológica, o que não significa, todavia, que sua teoria abarque tão somente processos psicológicos. Dessa forma, “pessoa” e “canalizados” desvelam o interesse do pesquisador pelo indivíduo e a hipótese de que cada um traça os caminhos para seus objetivos (“canais”) à sua “maneira”. Múltiplas são estas formas, sendo que a escolhida é determinante das ações empreendidas por cada um.

Assim, remetendo à metáfora previamente forjada do “homem-cientista”, Kelly reitera que é distintiva do ser humano a ânsia por predizer, o que acarreta o estabelecimento de padrões segundo os quais os acontecimentos são “antecipados” por nós. Em suma, a escolha por ver a realidade através de determinado prisma – subsequentemente, relegando outro(s) a instâncias no mínimo secundárias – faz de nós o que somos.

Na perspectiva da canção de Raul, isso abrange a constatação, por parte do emissor, da ignorância do receptor acerca de outra maneira de entender os fatos (fatos estes, assim dizendo, fadados a se repetir de acordo com os já mencionados padrões): “Quem te fez com ferro, fez com fogo” (padrão); “É pena que você não sabe não” (desconhecimento – instâncias inferiores).

1. *Corolário de Construção*: Uma pessoa antecipa eventos ao interpretar suas reproduções (KELLY, 1991, p. 104).

Vai pro seu trabalho todo dia
Sem saber se é bom ou se é ruim (SEIXAS, 1976).

O corolário inicial de Kelly dá-se em torno do fato de que “interpretar reproduções” é o mesmo que “construir”. Assim, as expectativas em torno dos eventos têm origem na capacidade do indivíduo de fazer aproximações por similaridade ou contraste, usando traços do “hoje” para antever o “amanhã”.

A canção estabelece que essas repetições configuram-se fato: “Vai pro seu trabalho todo dia”; contudo, nem sempre é possível arrolar quão aceitáveis ou descabidas elas são – “Sem saber se é bom ou se é ruim”.

2. *Corolário de Individualidade*: As pessoas diferem umas das outras na sua interpretação dos eventos (KELLY, 1991, p. 104).

Toda vez que eu sinto o paraíso
Ou me queimo torto no inferno
Eu penso em você, meu pobre amigo
Que só usa sempre o “mermo” terno (SEIXAS, 1976).

Em seguida, Kelly reitera que não somente os eventos a serem antecipados diferem de pessoa para pessoa, mas também que cada um tem as próprias abordagens para as previsões que tem a fazer. Ocorre, dessa forma, que pode tanto haver compartilhamento de significados quanto discrepâncias acerca do mesmo fato. Raul Seixas canta os diferentes acontecimentos – e as formas de antecipá-los – por parte do emissor: “Toda vez que eu sinto o paraíso/ Ou me queimo torto no inferno” ao lado da incompreensão acerca das mesmas vivências e antecipações do receptor – “Eu penso em você, meu pobre amigo/ Que só usa sempre o ‘mermo’ terno”.

3. *Corolário de Organização*: Cada pessoa desenvolve caracteristicamente um sistema de interpretação que abrange relacionamentos ordinais entre construtos, para ajudar na antecipação de eventos (KELLY, 1991, p. 104).

Quando quer chorar vai ao banheiro
Pedro, as coisas não são bem assim (SEIXAS, 1976).

*A Teoria dos construtos pessoais de George Kelly e a canção Meu amigo Pedro, de Raul Seixas:
ilustração e exemplificação em leitura comparada*

Haja vista que lidamos com teias complexas, tanto de construtos quanto de eventos, Kelly enfatiza a necessidade de organização: a previsão dos eventos deve não somente evitar as contradições, mas também concorrer para que certas prioridades sejam sempre alcançadas, garantindo a preservação e o comportamento característico do indivíduo.

Assim, o “desenvolvimento” mencionado pelo pesquisador é amostra de que nós, indivíduos, nos digladiamos para que a maior quantidade possível de eventos seja abarcada pelas previsões que podemos fazer – e, para isso, a relação ordinal entre construtos é fundamental: evitamos as contradições e, em caso de surpresa, assumimos o papel que já havíamos destinado a nós mesmos.

A canção vem desenvolvendo rotina e dúvidas, chegando ao momento de descontrolo - “Quando quer chorar [...]”; este momento, entretanto, já conta com padrão estabelecido (a partir das relações ordinais entre construtos) – “[...] vai ao banheiro” –, ou seja, vai ao encontro de atitudes que tipificam o indivíduo. No caso específico, Pedro não é daqueles que demonstram fraqueza; chora escondido, e consequentemente, desperta em seu interlocutor a ânsia por aconselhamento: “Pedro, as coisas não são bem assim”.

4. *Corolário da Dicotomia*: O sistema de construção de uma pessoa é composto de um número finito de construtos dicotômicos (KELLY, 1991, p. 104).

Lembro, Pedro, aqueles velhos dias
Quando os dois pensavam sobre o mundo
Hoje eu te chamo de careta, Pedro
E você me chama vagabundo (SEIXAS, 1976).

Chegamos finalmente ao limite: para Kelly, categorizamos os eventos por semelhança e contraste, a saber, trabalhamos com pares similares a partir de determinado traço e enumeramos, a partir daí, o que consideramos diferente. É desnecessário dizer que, embora sistemas de construção possam abarcar uma miríade de construtos, eles não são caracterizados por serem inteiramente fluidos, mas canalizados, ocasionando formas de pensar que não ultrapassam determinadas barreiras, dado que não são concebidas ou desenvolvidas de outra forma.

Nesse sentido, é muito emblemático o trecho em questão – “Lembro, Pedro, aqueles velhos dias/ Quando os dois pensavam sobre o mundo”. Vemos aqui homens interessando-se por eventos, desenvolvendo seus construtos e antecipando os primeiros de maneira distinta. “Hoje eu te chamo de careta, Pedro/ E você me chama vagabundo” – o resultado, em longo prazo, são dois sistemas de construção diferentes, rotulados pelos amigos por meio dos polos mais opostos que podiam enxergar.

5. *Corolário de Escolha*: Uma pessoa escolhe aquela alternativa, em um construto dicotomizado, pela qual ela antecipa a maior possibilidade de extensão e definição de seu sistema (KELLY, 1991, p. 104).

Há tantos caminhos, tantas portas
Mas somente um tem coração (SEIXAS, 1976).

Na esteira do que se formulou até então, temos que os eventos são por nós antecipados, o que fazemos por meio de um modo binário de arrazoar. Não é difícil compreender, portanto, que tais antecipações e

dicotomias traduzem-se em escolhas, opções estas feitas por desvelarem-se a melhor alternativa para a antecipação dos eventos subsequentes.

Nesse âmbito, pode haver conflitos, afinal, além de não ser fácil raciocinar a partir de polos opostos, há muito a se considerar no espaço entre eles. Frustrações e reproches às próprias escolhas são, assim, uma constante, e, segundo Kelly, advêm de abstrações adicionais de nossos construtos.

A canção ilustra isso na passagem acima. Muitas são as opções que se tem na vida – “Há tantos caminhos, tantas portas”; todavia, somos responsáveis por nossas escolhas e devemos fazê-las valer – “Mas somente um tem coração”.

6. *Corolário da Faixa*: O construto é conveniente apenas para antecipação de um intervalo finito de eventos (KELLY, 1991, p. 104).

Tente me ensinar das tuas coisas
Que a vida é séria e a guerra é dura (SEIXAS, 1976).

Kelly postula que um construto tem gênese e função para fim determinado: elaboramos nossos construtos a partir do momento que desenvolvemos certo interesse e almejamos antecipar determinada sorte de eventos. Logo, um mesmo construto pode nos servir para gama limitada de ação. Temos, assim, que os construtos nos permitem dominar algo, mas não tudo.

Podemos, com Raul Seixas, ilustrar a “faixa” no entendimento dos interlocutores. Enquanto, para um, “[...] a vida é séria e a guerra é dura”, para o outro, tais construtos não parecem servir ao âmbito engendrado – “Tente me ensinar das tuas coisas”.

7. *Corolário da Experiência*: O sistema de interpretação de uma pessoa varia conforme ela interpreta sucessivamente as reproduções de eventos (KELLY, 1991, p. 105).

Toda vez que eu sinto o paraíso
Ou me queimo torto no inferno
Eu penso em você, meu pobre amigo
Que só usa sempre o “mermo” terno (SEIXAS, 1976).

Nesse ponto, Kelly evoca que as antecipações de eventos são postas à prova quando da real ocorrência desses mesmos fatos. Os acertos e erros levam os indivíduos a moldar suas construções, em uma evolução do processo que pode fazê-lo tender à estabilidade ou à abrangência de maior gama de variações.

Raul Seixas vem ao encontro da ideia de experiência ao lançar mão de expressões da sorte de “toda vez” ou “sempre”; ademais, ilustra a estabilidade – “Que só usa sempre o ‘mermo’ terno” – apontando para alguém que tem um modo mais previsível de pensar e agir, e a amplitude de fórmulas – “Toda vez que eu sinto o paraíso/ Ou me queimo torto no inferno” –, trazendo a lume aquele que constrói segundo padrões díspares.

8. *Corolário de Modulação*: A variação no sistema de interpretação de uma pessoa é limitada pela permeabilidade dos construtos dentro daquele intervalo de conveniência onde estão as variantes (KELLY, 1991, p. 105).

Lembro, Pedro, aqueles velhos dias
Quando os dois pensavam sobre o mundo

*A Teoria dos construtos pessoais de George Kelly e a canção Meu amigo Pedro, de Raul Seixas:
ilustração e exemplificação em leitura comparada*

Hoje eu te chamo de careta, Pedro
E você me chama vagabundo (SEIXAS, 1976).

Dando sequência às suas formulações, Kelly, após já ter observado os limites existentes na formulação e abrangência dos corolários, (*Dicotomia* e *Faixa*), o caráter idiossincrático da antecipação dos eventos (*Construção*, *Individualidade* e *Organização*), bem como os flagelos (*Escolha*) e as adequações (*Experiência*) advindos ou distintivos dos construtos, traz a lume as variantes, a saber, aquelas que cooperam para a modulação do que se antecipa. Um construto é permeável, ou seja, não tem caráter absoluto, podendo ser abrandado ou enrijecido por elementos que, ou não haviam sido considerados quando de sua gênese, ou se inscrevem nas fileiras de outro construto e desvelam-se quando as relações de organização e subordinação têm vez.

Isto posto, vemos em Raul um desenvolvimento dicotômico que nos leva a pensar nos pontos de contato. Já citamos essa passagem anteriormente: havia interação – “Quando os dois pensavam sobre o mundo” – antes da distinção radical – “Hoje eu te chamo de careta, Pedro/ E você me chama vagabundo”. Desembocando no refrão, tais versos nos indicam que há um caminho de volta, ou seja, as concepções podem ser modalizadas e se encontrar em algum ponto no meio do longo caminho.

9. *Corolário de Fragmentação*: Uma pessoa pode empregar sucessivamente uma variante de subsistemas de interpretação inferencialmente incompatíveis entre si (KELLY, 1991, p. 105).

Vai pro seu trabalho todo dia
Sem saber se é bom ou se é ruim (SEIXAS, 1976).

Eis que estamos diante do último corolário formulado a partir de um único indivíduo – os dois últimos levam em conta as relações comunitárias e interpessoais. Nesse momento, Kelly chama nossa atenção para as incoerências, típicas de nosso arrazoar, mormente quando profundamente envolvidos com o que fazemos e buscamos antecipar. Em suma, velhos construtos dão lugar a novos, em uma relação que pode ser de contiguidade ou de oposição. Assim, o que alguém pensava ontem pode ser precursor legítimo e indiscutível do que esse alguém pensa hoje, ao passo que pode, igualmente, apontar em direção contrária. Isso é fruto da tolerância de cada um às incompatibilidades entre os construtos de que lança mão diariamente.

A canção abarca, mais uma vez, a noção de progresso – “Vai pro seu trabalho todo dia” –, noção esta acompanhada de construtos opostos: o que antecipar? Será um dia bom ou um dia ruim, seria tudo isso positivo ou negativo? – “Sem saber se é bom ou se é ruim”. Deveras enredado em seus afazeres e obrigações, Pedro reflete entre balizas incoerentes, ilustrando a fragmentação proposta pelo enunciado teórico.

10. *Corolário de Comunalidade*: Na extensão em que uma pessoa emprega uma interpretação da experiência que é semelhante à empregada por outra pessoa, seus processos psicológicos são semelhantes aos dela (KELLY, 1991, p. 105).

Pedro, onde “cê” vai eu também vou
Pedro, onde “cê” vai eu também vou
Mas tudo acaba onde começou (SEIXAS, 1976).

Tendo em vista que a *Teoria dos Construtos Pessoais* erige-se como uma hipótese antecipatória de comportamentos, seu fundador destaca, no presente momento, que pessoas podem agir de modo semelhante mesmo que submetidas a estímulos totalmente diversos; temos, portanto, que a similaridade na construção de eventos é o pilar das ações semelhantes, não os ocorridos em si.

Há, dessa maneira, uma compatibilidade entre as antecipações dos eventos – e logo, entre comportamentos – dentro de uma dada comunidade; isso porque há uma espécie de correspondência na construção das experiências dos indivíduos a ela pertencentes.

Nesse âmbito, lemos e ouvimos Raul Seixas reconhecendo que, por mais diferentes que muitas ideias possam parecer, o fim delas, entre os interlocutores da canção, provavelmente será o mesmo: “Pedro, onde ‘cê’ vai eu também vou”, ou seja, ambos acabarão por fazer a mesma coisa; “Mas tudo acaba onde começou” – Pedro e o interlocutor têm muito mais a ver do que demonstram. Seria essa uma maneira de dizer que todos somos iguais, ou que do pó viemos e ao pó retornaremos (BIBLIA, 2008)? No domínio dos corolários de Kelly, é uma confirmação de que dentro de uma mesma cultura, muitos comportamentos se repetem entre os indivíduos.

11. *Corolário de Sociabilidade*: Na extensão em que uma pessoa interpreta os processos de construção da outra, ela pode desempenhar um papel em um processo social envolvendo a outra pessoa (KELLY, 1991, p. 105).

E eu não tenho nada a te dizer
Mas não me critique como eu sou
Cada um de nós é um universo, Pedro
Onde você vai eu também vou (SEIXAS, 1976).

Por fim, o ponto de vista da sociabilidade é ligado inexoravelmente às relações interpessoais, não a mero entendimento comum. A partir disso, Kelly postula que cabe ao indivíduo não somente interagir, mas, acima de tudo, buscar compreender aquele que está no outro elo da ligação. Essa compreensão traduz-se em papel construtivo na realidade do próximo, a saber, apresentação de padrão de comportamento passível de incorporação pelo outro em seus próprios construtos.

Encerramos com uma confissão, um pedido e duas constatações que podem não só ilustrar o último corolário, mas perfeitamente servir como selo das proposições de Kelly quanto às relações pessoais: “E eu não tenho nada a te dizer” – reconhecimento de que, possivelmente, construtos, antecipações e experiências nada podem contribuir para outrem; “Mas não me critique como eu sou” – requisição para que a ajuda seja para edificar, e não o contrário; “Cada um de nós é um universo, Pedro/ Onde você vai eu também vou” – constatações de que as pessoas são diferentes, nem sempre conseguem compreender umas às outras ou conviver harmoniosamente, mas que, no final, têm muito mais em comum do que a superfície pode revelar.

Fonte: Os Autores, 2020.

A leitura do quadro acima permite que vislumbremos não só a complexidade das assertivas de Kelly, mas também seus desdobramentos para indivíduo e comunidade. Por se tratar de uma teoria erigida sobre bases psicológicas e enunciada a partir de um postulado de fácil compreensão e paráfrase, nós entendemos que a riqueza de conteúdo e implicações

encerrada por cada um dos seus corolários corre o risco de não ser trazida à tona em uma leitura empreendida tão somente no campo das abstrações. Assim, *Meu Amigo Pedro*, peça que, por natureza, desperta anseio por leitura das entrelinhas e da busca por significado além dos enunciados, vem servir como excelente apoio e provisão das ilustrações e exemplos que cremos indispensáveis para análise da teoria em questão.

Com a leitura comparada, pudemos trazer a lume que o comportamento de cada indivíduo é fruto menos dos fatos por que passa do que das antecipações de eventos que empreende (*Corolário da Construção*), não só imprimindo altas doses de singularidade ao que pensa e faz (*Corolário da Individualidade*), mas criando sistemas de entendimento com base em relações hierárquicas (*Corolário da Organização*). Vale ressaltar que os pilares de tais construções são marcados por base e topo, ou seja, lados opostos (*Corolário da Dicotomia*) e que não conseguem, unitariamente, sustentar toda a estrutura, apenas parte dela (*Corolário da Faixa*). Da impossibilidade de se controlar tudo – o que não significa que não se controla nada – advém a necessidade de se responsabilizar pelos rumos que traçamos (*Corolário da Escolha*), deixando que sorte e revés contribuam para os construtos vindouros (*Corolário da Experiência*). Novas formulações, relações ou formas de organização entre construtos abarcam as variantes (*Corolário da Modulação*), encarregadas de aproximar ou distanciar um construto de outro (*Corolário da Fragmentação*). Entre indivíduos, temos que, em um mesmo âmbito, os sujeitos tendem a antecipar eventos de forma semelhante (*Corolário da Comunalidade*) e que, além de tudo isso e por fim, as relações interpessoais arrolam papéis de um para outrem nas formulações de construtos e antecipações de eventos (*Corolário da Sociabilidade*).

Conforme dito anteriormente, não é difícil olharmos para nós mesmos e conseguir visualizar narrativas e minúcias que corroboram cada uma das breves explicações, enumeradas em forma de processo contínuo, estabelecidas no parágrafo anterior. Entretanto, tal organização e relação com a *Teoria dos Construtos Pessoais*, assim como delineou Kelly, são tributárias dos versos de Raul Seixas, da forma como apresentados na tabela criada. Demais contribuições trazidas por nosso trabalho, bem como pormenores de seu desenvolvimento e possíveis ampliações do tema são trazidos a seguir.

5. Conclusão

Revisitar brevemente as trajetórias de George Kelly e Raul Seixas foi o passo inicial de nossa empreitada, evidenciando os aspectos que levaram o primeiro a pontuar de forma definitiva os estudos da personalidade e as teorias de aprendizagem e o segundo a adentrar o panteão dos grandes nomes da música brasileira. Distintos pelo gosto por formulações complexas e pelo talento com que preenchiam as linhas e entrelinhas das criações e constatações em suas respectivas áreas, Kelly e Raul despontam como nomes que tendem à natural aproximação.

Nesse âmbito, consideramos que o interesse na *Teoria dos Construtos Pessoais* e em *Meu Amigo Pedro* mira principalmente as minúcias dos corolários da primeira e as regras estabelecidas para interpretação da segunda, dado que ambas, teoria e canção, demandam leitura(s) muito além do superficial. Assim, analisar ambas constitui faca de dois afiados gumes, erigindo-se o trabalho de Kelly como baliza para interpretação da composição de Raul e esta, por sua vez, como ilustração e exemplificação de termos tanto abstratos contidos na primeira.

Procedemos, assim, à leitura comparada, usando os versos da canção para elucidar as narrativas e descrições psicológicas das formulações teóricas. Acreditamos, fazendo isso, ter colaborado para desbancar a pretensa simplicidade do que dispõe a *Teoria dos Construtos Pessoais*, afinal, os onze corolários que seguem a assertiva principal explicam muito bem os meandros daquilo que o senso comum postula como “cada um de nós é um universo” (SEIXAS, 1976).

Por fim, estabelecemos que aproximar ciência e manifestações artísticas pode ter grande valia na tradução das perguntas e respostas daquela para caracteres que povoam uma linguagem mais próxima à do grande público; em outras palavras, é um procedimento que representa grande avanço no que tange à tão falada *divulgação científica*. Nem sempre os conceitos são de fácil percepção; ilustrações e exemplos, todavia, costumam pavimentar os caminhos que levam ao entendimento. Dessa forma, acreditamos que nosso artigo pode contribuir não só para elucidação das peças que abarca, mas, sobretudo, conceber que outros trabalhos colocando em perspectiva o que se faz nas universidades e nas artes possam também ser produzidos.

Referências

A Teoria dos construtos pessoais de George Kelly e a canção Meu amigo Pedro, de Raul Seixas: ilustração e exemplificação em leitura comparada

BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada:** O Antigo e o Novo Testamento. Santo André: Imprensa Bíblica Brasileira, 2008.

BOSCATO, L. A. L. **Vivendo a Sociedade Alternativa:** Raul Seixas no Panorama da Contracultura Jovem. 2008. 260 f. Tese (Doutorado em História Social) - FFLCH/USP, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06072007-110745/pt-br.php>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

CARMO, P. S. **Culturas da Rebeldia:** a Juventude em Questão. São Paulo: Senac, 2000.

CLONINGER, S. C. **Teorias da Personalidade.** São Paulo: Martins Afonso, 1999.

KELLY, G. A. **The Psychology of Personal Constructs: A Theory of Personality.** London: Routledge, 1991. Disponível em: <<https://www.taylorfrancis.com/books/9780203405970>> Acesso em: 22 dez. 2020.

MAEHR, B. **Clinical Psychology and Personality:** The Selected Papers of George Kelly. New York: Wiley, 1969.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem.** São Paulo: EPU, 1999.

PASSOS, S. (org.) **Raul Seixas por Ele Mesmo:** Textos de Autoria de Raul Seixas Organizados Postumamente. São Paulo: Martin Claret, 1993.

PEREIRA, C. A. M. **O que é Contracultura.** São Paulo: Nova Cultural, 1986.

ROSZAK, T. **A Contracultura.** São Paulo: Vozes, 1972.

SAIBA o significado da música Meu Amigo Pedro, de Raul Seixas. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/blog/musica-meu-amigo-pedro-significado/>>. Acesso em: 26 dez. 2020

SEIXAS, R. **Meu Amigo Pedro.** Há 10 Mil Anos Atrás. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/raul-seixas/48318/>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

TATIT, L. **Musicando a semiótica:** Ensaios. São Paulo: Annablume, 1997.

Sobre os autores

Fernando Bruno Antonelli Molina Benites

Proponho e valorizo a intersecção entre diferentes áreas do saber para a obtenção de uma base sólida de fundamentação teórica e reflexão crítica - em suma, uma formação voltada para o clássico. Das áreas de Letras, Filosofia e Teologia, desenvolvo pesquisas acerca da intertextualidade das grandes narrativas da literatura universal com a Bíblia, da leitura comparada, do uso da Literatura como instrumento para o ensino de língua estrangeira e da

produção de texto em nível médio. Possuo certificado internacional de proficiência em inglês - FCE (Cambridge English First), nível C1 - Avançado.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1999-3164>. E-mail: professorfernandobruno@gmail.com.

Alessandra Dutra

Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (1997), com Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2003) e Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara. Professora permanente dos Programas de Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza - PPGEN/Londrina e Doutorado em Ensino de Ciência e Tecnologia, UTFPR/Ponta Grossa. É bolsista de produtividade em pesquisa pela Fundação Araucária. ORCID <http://orcid.org/0000-0001-5119-3752>. E-mail: alessandra@utfpr.edu.br.

Awdry Feisser Miquelin

Graduado em Licenciatura em Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2000), com Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2003) e Doutorado em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009). Trabalho em projetos voltados a abordagem sistêmica, relações entre ensino, ciência e tecnologia e sociedade, ciência e arte e análise de sistemas educacionais tecnológicos comunicativos, com ênfase no ensino de ciências e mediação de tecnologia na prática pedagógica para o Ensino Superior e a Escola Básica envolvendo didática, ensino-aprendizagem e educação dialógica-problematizadora. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7459-3780>. E-mail: awdry@utfpr.edu.br.

Recebido em: 31/07/2022

Aceito para publicação em: 02/01/2023